

## A psicanálise do fim do mundo (e sua clínica)

Encontros do semestre

12 e 26/4

10 e 17/5

7 e 21/6

às 2030hs na sede da EBP-Rio  
Rua Capistrano de Abreu, 14 Botafogo



foto de Marcus Vinicius de Faria Oliveira em *Imagens Lúdicas*, Natal, IFRN, 2010.

### Sumário

## I. Marielle Franco: “aos bastardos com carinho”

Abertura .....	2
O universal e a lógica dos grupos .....	4
DISCUSSÃO .....	6
Transformação e revolução .....	8
DISCUSSÃO .....	9
O Porta-voz e crise da representação .....	10
Universal fraco .....	12

Este texto reproduz o primeiro encontro do seminário do ICP-RJ “A Clínica do Fim do Mundo”, transcrito por Cida Malveira, revisão, Marcus André Vieira.

## I. Marielle Franco: “aos bastardos com carinho”

### Abertura

*Ontem o Centro era o estômago revirado de uma cidade que perdera o coração em algum lugar do caminho. Suas ruas foram tomadas por nossos corpos. Aterrados, num Rio desterrado, se juntaram e caminharam. Empaparam-se com o calor e com o tanto de vida que carregam. Mas não só, mais que isso falaram, e como, com palavras ou não. Disseram do tamanho do horror, mas também do imenso do desejo de cada um. Verifico volta e meia em meu ofício o dito de Lacan de que a morte é o limite da fala, mas dela também pode ser a origem. Foi brutalmente evidente ontem. Além da certeza de que se sem fala não há caminhos, sem os movimentos do corpo não há fala que se sustente.*

*Hoje é preciso seguir. Retomo a lida diária de desenterrar desejos calados. Conto com que, encontrados seus caminhos de fala, possam nomear o que nos leva adiante, quem sabe para dias melhores. Há mais a fazer nestes tempos de fim de mundo, claro, muito mais. Para começar, posso desenterrar alguns de meus próprios desejos no que eles envolvem um trabalho coletivo. Por isso, passo a publicar trechos selecionados do meu seminário do ano passado “A psicanálise do fim do mundo”, pois a discussão me pareceu tão rica quanto oportuna.*

Começamos este ano sob o signo trágico de um assassinato brutal. Acabo de ler o que escrevi após o ato na Cinelândia. Nos reunimos, aqui, então, para falar. A abertura do seminário do fim do mundo este ano será essa, a de nossa dor e perplexidade compartilhada. Tentaremos também alguma elaboração que nos ajude a sair da paralisia. Para isso, vamos comentar uma carta de Marielle.

*Por ocasião do assassinato de Marielle Franco a EBP promoveu uma ação lacaniana no Rio de Janeiro, envolvendo uma carta endereçada pela vereadora ao coletivo Bastardos da PUC. Em uma das cidades brasileiras em que a desigualdade é mais explícita, a universidade que concentra o essencial da elite, a PUC, acolhe um grande número de bolsistas que são silenciados de maneira tão violenta quanto oculta. O coletivo “Bastardos da PUC” se contrapõe à designação mais que difundida dos alunos da instituição como “filhos da PUC”. Ele vinha exatamente dar lugar a uma classe, particular, dentro do universal da universidade. A partir dele, muitos puderam tomar a palavra e mesmo se perceberem como integrantes da coletividade mais geral, mesmo que dela excluídos quotidianamente. A proposta de Marielle era justamente a de, por um lado, destacar a importância desse coletivo e por outro, insistir com cada um deles para que não se restringissem a isso. Primeiro deve haver o coletivo, uma identidade particular, os Bastardos, referida a um Universal, a PUC. Só a seguir instaura-se a possibilidade de um modo de viver singular de viver essa identidade. Essa era a grande oportunidade de, como dizia ela, para cada um “de fazer a sua viagem”.*

A carta é preciosa por realizar uma montagem, uma articulação entre o universal, singular e particular que ensina muito ao analista. Vamos a ela.

*Chegar à PUC-Rio pode parecer algo um tanto tenso: a natural insegurança em ocupar um espaço novo; pessoas e normas ainda desconhecidas... É impossível não sentir aquele frio na barriga! Ainda mais quando ouvimos aquelas histórias de que há professores que dão textos e filmes em inglês sem tradução, de que não se vê alunos e professores negros em sala de aula, de que a principal reivindicação dos estudantes é a diminuição do preço do estacionamento, de que o Pilotis da PUC é um desfile de moda... e por aí vai.*

*Não há um manual que resolva tudo que passa na nossa cabeça nesse momento, mas algumas pistas são importantes para ajudar a descortinar uma nova rotina acadêmica, sem deixar de considerar a nossa realidade econômica, política e social.*

*A primeira delas é não deixar-se afetar por tudo que é falado sobre a PUC. As vivências, por mais que existam importantes similaridades coletivas, são individuais e tudo vai depender muito de como você encara o mundo e os desafios colocados.*

*Eu, por exemplo, optei pelo diálogo franco e constante com professores diante das dificuldades pelas quais passei, seja como mãe jovem, trabalhadora e moradora de favela. Desde a limitação concreta de me locomover da Maré até a Gávea, para a primeira aula às 7h da manhã, até as atividades extracurriculares que não pude fazer em virtude do meu trabalho ou mesmo pela falta de grana para custeá-las.*

*Apresentar para quem quer que seja a nossa realidade concreta não é ser vitimista, ainda mais com a perspectiva de trilhar caminhos possíveis e alternativos às limitações encontradas. Nesse sentido, a Vice-Reitoria Comunitária também é uma parceira fundamental para questões objetivas e para oportunidades dentro e fora da universidade. É importante cercar-se de pessoas, seja colegas de turma, professores e funcionários, que possam contribuir para que a passagem pela PUC seja plena. Essa é sem dúvida uma ótima estratégia para a sobrevivência acadêmica.*

*Além disso, buscar compreender a PUC-Rio em sua complexidade, enquanto uma universidade privada de qualidade e legitimidade acadêmica, é também entender que em uma sociedade desigual, racista e machista, as raras oportunidades não devem ser subutilizadas. Pensando nisso, ser um filho “bastardo” da PUC não pode ser encarado como algo ruim, precisamos reivindicar um novo significado político: o “bastardo” é aquele que resiste as desigualdades. Por isso, é necessário que o nosso histórico pessoal seja uma mola que impulse a nossa vida acadêmica. Sem perder de vista a nossa identidade, o lugar e a família que nos gestaram, viver a PUC-Rio é quase uma missão política e social, já que o processo pedagógico é uma via de mão dupla: quando nos transformamos, modificamos também tudo e todos a nossa volta.*

*A nossa presença na PUC-Rio já é, por si só, um ato de resistência! Boa viagem acadêmica, política, econômica e social.*

*Marielle Franco*

Trabalhar a partir daí é o melhor que podemos fazer para sair um pouco da dor. Pensei pensar o contexto específico, a PUC, mas também o valor lógico dessa articulação. Alguém está chega nesse espaço e a princípio vai se fundir na massa dos alunos. Esse seria o universal de base. Isso que parece tão inocente é o problema. O professor diz “você é aluna como qualquer outro” e sabemos o quanto isso em vez de reduzir a desigualdade, reforça. É contra isso que Marielle se coloca para começar. Ela tem que apagar o fato de vir todo dia da Maré e suar em dois ônibus?

A posição, contrária seria assumir sua particularidade, de bolsista, cotista e confrontar o universal dos alunos às particularidades de seu grupo. Esse é o primeiro valor do coletivo dos Bastardos. Ele resiste, de dentro, como grupo.

Há, porém, várias passagens nessa carta que relativizam o valor dessa posição. E é bom, porque é um impasse, que é também o impasse político de hoje: lutar pelo universal, pelo menos no Brasil, é lutar pelo universal branco, ou, digamos, eurocêntrico e isso só faz mais segregação ou submissão dos segregados, dos que estão nesse universal como restos dele. Por outro lado, recusar o universal é se encontrar em um confronto contínuo de grupos e tribos ao infinito. Claro que, no caso do Brasil, talvez seja melhor a segunda opção, mas ela não é um caminho sem tensões.

Ela então propõe outra coisa que não apenas reafirmar a particularidade de um pertencimento identitário. Em nosso jargão ela lhes propõem trazer uma singularidade para o plano das particularidades. É o que me parece o gênio dessa carta.

Lembrem-se que uma identidade é sempre particular, uma singularidade não confere identidade, pois ela é exatamente aquilo que não pode ser reconhecido, encaixado. Só para dar alguma definição do que estamos dizendo, lembro Aristóteles: o universal corresponderia a “todos os homens”, o particular a “alguns homens”, onde se vê que o particular depende do universal. E, finalmente, o singular “esse homem”, a que Lacan, entre outros, vai dar um destino mais radical: “esse aí”, sua existência no que ela é sem que se possa dizer sobre ela nada que passe pelo universal ou pelo particular.

Marielle, a meu ver, vai trazer essa singularidade no plano das alianças, do modo próprio de cada um criar seus laços e apoios, em fazer a “sua viagem pessoal”. Vejamos se vocês concordam.

Não quero me alongar mais, convidei Rodrigo Lyra, responsável pela Ação lacaniana da EBP que nos levou até essa discussão, assim como Romildo do Rêgo Barros, com quem criamos um grupo de trabalho há alguns anos sobre temas correlatos e que deu luz a um livro que abordava justamente os invisíveis sociais, os “matáveis”. Acho que deveríamos retomar alguma coisa dessa discussão. Peço que vocês sejam breves para que a gente possa logo abrir a conversa.



## O universal e a lógica dos grupos

**Rodrigo Lyra:** obrigado pelo convite, Marcus desenhou bem o panorama. O que aprendi com essa carta da Marielle foi poder ir contra a tendência psicanalítica de denunciar a

lógica dos grupos na contemporaneidade, parar de torcer o nariz com tanta facilidade, para movimentos identitários e não achar que a singularidade vai estar contra ou no avesso disso, necessariamente.

Se vocês me permitirem, lembrei de um livro do Alan Abadiou, *São Paulo: a fundação do universalismo*, um livro que acho fantástico e me ensinou muito. Porque Marielle me remeteu a uma coisa tão diferente como essa, o apóstolo São Paulo? Badiou mostra como São Paulo era um apóstolo, um pouco diferente, talvez até um bastardo, no meio dos apóstolos, como se afastou fisicamente de Cristo em vários momentos e não seguia exatamente aquele início de reuniões de costumes, leis, de certos modos de viver as crenças que se estabeleciam como uma espécie de mediação entre a fé e Deus. Ele correu por fora daquelas particularidades, digamos assim, se afastou muitos anos, voltou, e foi então que, segundo a leitura de Badiou fundou o universalismo forte cristão.

Era a ideia de que alguma coisa num ato de fé, na certeza da fé, te conectava diretamente ao universal do amor de Cristo sem precisar passar pelo pequeno grupo dos apóstolos, ou das pequenas identidades que definam o que é ser cristão.

Vou ler um pequeno parágrafo do Badiou falando de São Paulo:

*(...) o caminho geral de Paulo é o seguinte, se houve um acontecimento e a verdade consiste em proclamá-lo e em seguida ser fiel a essa proclamação (ser cristão, ter fé), ocorre duas consequências, primeiro, sendo a verdade pertinente ao acontecimento, ou da ordem daquilo que advém, ela é singular, não poderia portanto, haver um além da verdade, em seguida, sendo a verdade registrada a partir de uma declaração de natureza subjetiva, nenhum subconjunto pré constituído a sustenta. Nada de comunitário ou de historicamente estabelecido, empresta a sua substância a seu processo. A verdade é diagonal em relação a todos subconjuntos comunitários, ela não comporta nenhuma identidade.*

Acho que é uma passagem autoexplicativa forte, se fala muito do que é a psicanálise ou do que uma certa psicanálise pode se considerar, de imaginar uma certa conexão de acontecimento singular de uma verdade que se trata apenas de proclamar e de alguma forma inserir isso no Outro, - pensando nos testemunhos de passe por exemplo -, sem que seja tributário de nenhuma identidade, de nenhum subconjunto, de nada historicamente pré-constituído.

O que me pareceu interessante é que São Paulo, quando faz essa afirmação, nesse sentido, está fazendo uma espécie de momento libertador, a gente tende a olhar para isso no seu aspecto de liberdade, ser cristão, sem precisar passar pelos dogmas cristãos, por exemplo, é subversivo, é herético, num certo sentido.

No mundo de hoje, se a gente ler este mesmo trecho, pensando na Marielle, me parece que a gente corre o risco numa espécie de covardia, cínica, meritocrática, como Marcus falou de alguma coisa que impediria alguém de se apoiar nessas identidades, nesses pequenos grupos, nesses espaços, historicamente constituídos, para então, conseguir anunciar sua verdade. Esse lugar do apoio aos pequenos grupos, muda um bocado, quando a gente pensa em São Paulo e quando a gente pensa em Marielle.

Quero tentar pensar essa mudança: hoje esse apoio no particular de seu grupo pode ser um ato de liberdade, enquanto que imaginar, como São Paulo, uma conexão, direta, com o universal pode ser pura e simplesmente você tirar o tapete sistematicamente, de quem não consegue se apoiar, enunciar suas verdades.

Estas são as reflexões que fiz a partir da leitura dessa carta, e das conversas que eles tiveram e que podemos retomar.

**Marcus André:** Antes de Romildo quero abrir a discussão a partir dos elementos que trouxe Rodrigo. E aí?

O senso comum psicanalítico é o de que a análise é o lugar para nos afastarmos de todos os seus grupos internos, é o que dizemos como “queda das identificações”. Rodrigo está dizendo que nos tempos de hoje não podemos sustentar essa posição sem considerar o contexto social em que estamos. Porque se não temos grupo algum, se somos invisíveis, não temos como estar no universal. Tomem, por exemplo, o universal do humanismo. Ele diria que mesmo quem não está em grupo nenhum ainda assim é humano. Só que o humanismo está sendo morto pelo capitalismo que coloca o consumo em lugar do humano. É alguém quem consome e não quem tem essas e aquelas características.

Marielle está escrevendo para os bastardos em um contexto ainda pior, o de que não só pode haver gente não consumidora como, por sua cor de pele, por exemplo, é historicamente tida como não-ser. A referência aqui é A. Mbembe. G. Agambem delimita essa posição como a do muçulmano nos campos de extermínio.

Quando ela escreve aos bastardos, porém, já existe o lugar de fala dos bastardos, já existe o grupo. Mas há situações em que não há nada.

## DISCUSSÃO

**Participante:** não é crítica ao grupo, só quando é sectarismo, pensar no sectarismo de alguns grupos com uma borda muito rígida que precisa expulsar os diferentes deles.

**Andrea Reis:** fiquei pensando no grupo Escola de analistas, no sentido de Lacan. Porque o psicanalista precisa estar dentro de uma escola? Acho que tem a ver com esse apoio mínimo, essa dificuldade de fazer funcionar um grupo, nesse modelo, acho que dá notícia desse apoio que tem que ser mínimo para funcionar como um grupo.

**Rodrigo Lyra:** talvez a escola seja um pouco diferente no sentido de que ela já é pensada, como um agrupamento paradoxal de singularidades, muito pouca coisa reúne ela em termos identitários. Quando pensamos nos Bastardos da PUC (...).

**Participante:** grupo de bastardo já era uma resposta a brincadeira “filhos da PUC”.

**Participante:** já é um troço meio furado de chamar “filho da PUC”.

**Marcus André:** filhos da PUC é a coisa mais consistente que já vi. Pessoas passam a vida filhos da PUC.

**Rodrigo Lyra:** o que é irônico, por trazer o “filho da puta”.

**Cristina Frederico:** acho importante voltarmos à situação concreta, várias mediações são perigosas, quando dizemos que “os grupos de analistas de uma escola é análoga ao grupo de bastardos da PUC”, temos que lembrar que salto podemos dar e que salto não

podemos dar. São tão diferentes na vida real que também temos que fazer um vai-e-vem dos dois.

**Andréia:** acho que não consegui me expressar bem, os analistas já quebram a cabeça com esse assunto, há muito tempo, como fazer um grupo funcionar incluindo o singular.

**Marcus André:** como faz funcionar para não ser sectário, no sentido do que a Cristina falou, como um grupo faz para ser grupo e ao mesmo tempo não ser apenas grupo, apenas uma classe. Isso que você está dizendo, os analistas estão o tempo todo tentando fazer isso.

**Cristina:** as vezes a palavra identidade é necessária, reconhecer alguma coisa no outro, o imaginado também, que é importante. É poder ter um pouco de identidade para poder ter uma voz. Teve uma Jornada em Barcelona que foi só sobre identidade e foi maravilhosa. Tem um site só de texto sobre identidade.

**Marcus André:** tem um movimento geral da discussão que não “o psicanalista não é anti-identitário”, lembrando que estamos aqui, não só lembrando dos psicanalistas. Estamos pensando o que corresponde a posição do analista do que chamamos discurso analítico, uma posição que se apoia nas identidades e nos grupos para à partir daí poder encontrar uma coisa nos grupos, eu continuo lá, sem apelar apenas para a minha identidade, é mais ou menos isso.

**Participante:** como dar esse passo, como usar a identidade para fortalecimento, para ter alguma voz, um passo além disso, o “nós somos bastardos, mas cada um da sua maneira.

**Participante:** as metáforas da Marielle são “faça a sua viagem”, por exemplo, ela fala também “não apague sua história pessoal”, umas dicas de quem viveu e fez.

**Natasha:** um grupo pode permitir encontrar o lugar de fala, mas pode também produzir o contrário, que o sujeito se dilua, se apague.

**Andreia:** é um elogio do grupo como apoio mínimo.

**Clarice Boechat:** como se o grupo pudesse vir como um tratamento para a exclusão. Quando esse grupo resolve se juntar, acho que eles estão sendo ajudados.

**Rodrigo:** um segundo passo, que acho que não vai resolver, mas quero colocar é: o pequeno grupo exerce uma função distinta num ambiente onde mais facilmente existem *homo sacer*, onde existe aqueles sem identidade nenhuma. Num ambiente em que o universal é muito sólido é diferente.

**Marcus André:** quando o universal é forte todo mundo tem algo em comum, mas o que é o retorno dos nacionalismos senão um enfraquecimento do universal?

**Rodrigo:** A forma de buscar o singular, em tensão com o grupo identitário deve ser diferente num ambiente onde o Outro existe e num ambiente onde o Outro não existe. Senão a gente pode dizer, “Ah! Mas o psicanalista sempre lidou com tensão entre o singular e o identitário?” Ok, sempre lidou, mas acho que talvez seja importante até colocar a pergunta: “hoje a forma de buscar o singular no meio das identidades deve ser distinta da forma classicamente de buscar o singular no meio das identidades”? Como buscar o singular no meio dos “Bastardos da PUC”, por exemplo? Tenho a impressão de que a carta da Marielle mostra uma certa distinção de como isso teria de ser feito num ambiente distinto.

## Transformação e revolução

Vou passar a palavra agora ao Romildo a partir desse ponto, do grupo como apoio mínimo para o sujeito sem identidade, o invisível, às vezes o matável. Vou levantar a bola para você a partir da ironia que sei que lhe é muito cara. Já é uma certa ironia você se chamar de bastardo, no meio “dos filhos da PUC” não é? Mas Marielle talvez esteja dizendo mais, propondo usar o grupo de um modo um pouco irônico. Não quer dizer que você não esteja precisando do grupo, que está achando ele menor, só que ele não basta.

**Romildo:** Vi essa carta sobretudo como um documento político e é um grande mérito. Eu li uma a três vezes de ontem para hoje, queria isolar uma frase que abre um pouco a nossa discussão, quando ela diz “o bastardo é aquele que resiste às desigualdades”, talvez a gente pudesse dizer “o bastardo é aquele que resiste à formação do universal”, o bastardo nesse sentido que ela toma é o que impede que o universal se componha ou se recomponha.

Então, vocês veem que politicamente é uma coisa muito avançada, ela não está querendo fazer com que os jesuítas da PUC virem bastardos, ela não está querendo tampouco dizer que se os bastardos souberem fazer direito um dia serão todos “puquianos”, serão filhos da PUC, e não haverá mais bastardos. Ela quer que eles continuem bastardos, que é acima de tudo uma forma de filiação. Uma forma de filiação, inadmissível, quer dizer, os bastardos na verdade nunca vão compor o universal, não haverá universal PUC, é isso que ela está ensinando à gente.

Existe uma inversão no texto dela que é muito inteligente – ela é uma mulher muito inteligente – ela diz que a tarefa de entrar na PUC sem o otimismo e a esperança de compor o universal aparenta os bastardos e não os jesuítas ou os filhos da PUC. É uma concepção de luta de classe completamente contemporânea. O que me interessou muito nessa carta, foi o fato de ser uma resposta de esquerda, mas inteiramente contemporânea, é um documento de esquerda, não é que de uma tribo, é criativo nesse sentido.

Não significa que os bastardos vão se armar, lutar contra os jesuítas e se tornar os donos da PUC, ela está dizendo que os bastardos vão continuar nessa figura que Marcus André levantou que é a figura bem lacaniana, que é a figura do singular. Enquanto o particular, dizia Lacan, é o sintoma, no sentido que ele é uma resposta para o universal, logo ele tem uma relação complementar com o universal, o singular ele recebe essa relação do particular e universal. É muito interessante, porque o singular, vai ficar singular, ele não vai ser marginal nem minoritário, nem majoritário, ele vai ser singular, em alguns lugares vai prestar para alguma coisa e em outros não, que é o que Marcus chamava de tribo. Funciona em algum lugar e em outro, não.

Bastardos, foram eles que se chamaram de bastardos, não foi o jesuíta da PUC que viu o negro e disse “Oi bastardo”.

Marielle diz que não é pejorativo, justamente, é assim na realidade na filiação. O que é bem interessante é o uso que ela faz que é um uso irônico da ideia de que um bastardo é um filho da puta. Bastardo, quem é? É aquele que não sabe, nem pode professar o



próprio pai. Ela diz que isso é a força deles, a singularidade está no fato de serem bastardos.

Não é a única denominação irônica, não, podemos pensar nos *bad-boys*, uma denominação pejorativa que vai para o singular, um caminho possível, do caminho para o singular. Para concluir, não sabemos o que é uma revolução nessa lógica, não é que não haja, a gente não sabe o que pode ser, o que a gente sabe é que a ideia de classe contra classe, a ideia leninista, isso parece que ela não mais responde as exigências da época. Isso a gente parece saber, mas por outro lado, a gente não sabe se merece o nome de revolução, a luta dos singulares. Pode ser que não. De qualquer forma o que existe nessa carta é a grande lição política, o que existe nesse documento político precioso dessa moça, é a ideia de que não é a junção dos singulares mais particulares que perfazem o universal, é exatamente, o contrário, o singular rompe, não permite que o universal se perpasse ao mesmo tempo em que mantém a luta contra o particular. É nesse sentido que interessa a psicanálise, a luta contra o sintoma, na verdade é uma luta contra o particular só pode existir dentro da perspectiva do universal. O singular é outro papo.

## DISCUSSÃO

**Marcus André:** Eu veria o singular mais na “viagem” de cada bastardo, os bastardos não podem ser reabsorvidos no universal porque carregam consigo essa singularidade, você tem razão, mas o coletivo “bastardos” não é em si singular. Pode virar um grupo já, já, e deixar a singularidade, escondida. Quando bastardos virar uma bandeira, uma máquina identitária homogeneizadora, acabou a singularidade.

**Rodrigo Lyra:** Nesse sentido o termo bastardo é extremamente precioso, é quase um paradoxo lógico, porque costumamos pensar no bastardo como o que não tem pai e não pode enunciar o pai, mas a partir disso bastardo também não tem irmão, então, já é uma palavra que de saída coloca uma certa dificuldade, de um grupo de bastardos “somos irmãos”, porque bastardo é o nome daquele que também não tem irmãos..

**Participante:** Há a questão do uso do universal para abafar o singular, foi a resposta do movimento *Black Mary*, nos Estados Unidos, onde todas as negras se encontram.

**Romildo:** a televisão brasileira está fazendo isso com a Marielle. Fiquei chocadíssimo com o Jornal das dezoito horas de ontem, fiquei com profunda vergonha que senti "de estar assistindo, o achatamento dessa heroína como Tiradentes": ninguém sabe quem ela foi como singularidade, isso se perde para virar notícia.

**Vicente Gaglianone:** quando li a carta, a primeira coisa que me chamou atenção foi a ironia, com relação ao bastardo, e a coragem dela de usar uma ironia tão radical, para falar de um universo onde ela estava se inserindo, e que bastardo no sentido mais comum é um “sem pai” e ao usar esse adjetivo, anunciar a questão do “não há universal”, a singularidade não vai ser totalmente capturada nos universais, quando ela usa bastardo, nesse sentido é inteiramente político.

**Marcus André:** quando usamos a palavra ironia temos que ver onde e como estamos usando, poderíamos dizer hoje que só pode ser irônico, quem está no lugar do resto, do bastardo. Do ponto de quem está no poder não há ironia, vira outra coisa, vira cinismo, canalhismo, idiotice. É por isso que a gente entende que devemos dar voz para quem

pode ser irônico, e isso tem uma lição sobre a posição do analista. O analista só pode fazer ironia com alguma coisa se estiver do lugar do resto. Quem interpreta é o resto.

Quando dizemos “vamos dar voz aos excluídos”, não vamos “dar” nada. Além disso, quando alguém assume a palavra, o grande valor para o analista é que essa fala venha do lugar do resto. Aqui há um paradoxo, porque o que se precisa na cidade é que os sujeitos invisibilizados possam assumir uma fala de gente, de pertencimento a algum grupo que dê existência.

**Bruna Guaraná:** Esta carta também passa uma melancolia, mas sobretudo força. Vem dessa parte marginal, preta, favelada, tem uma força nisto, de certa maneira e ao mesmo tempo como abordar isso é dessa singularidade que interpreta, e como você falou agora, desse lugar da ironia sem que isso caia, numa coisa cínica. Na psicanálise se valoriza muito esse lugar de marginal. Como poder dar um lugar a alguém que fala desse lugar e não universalizar isso demais?

**Flávia Troccoli:** Fiquei pensando no caso Lula, nesse achatamento dele como “mais um”, como se o trabalho só tivesse um valor num determinado campo, chegou a presidência da república, mas não pode representar esses trabalhadores. Acho que faz parte de um achatamento, nessa lógica que estamos falando da Marielle. A mídia a trata como mais uma, a partir de um certo achatamento no lugar de onde ela veio e o que representa, acho que de fato é uma crise da representação do trabalho, da própria ideia da luta de classe. Tem um documentário do Chomsky nos Estados Unidos, em que ele fala “no início tinha um corte, entre o dono da fábrica e os trabalhadores, agora esse espaço se perdeu, tem os especuladores”. Romildo falava como é que a gente vai pensar a luta de classe hoje, em que não tem mais as figuras do trabalhador e do dono da fábrica, e que agente cai numa estratificação de tudo. O lugar de enunciação pelo menos, que é o lugar de uma diferença, se perde, mas ele é sempre a ser construído, nunca está pronto. A Marielle, se dirige aos bastardos, mas falando de um lugar que constrói na carta.

**Rodrigo Lyra:** o que você disse me fez pensar que tem uma coisa menos óbvia na carta que chama a atenção, ela começa a carta dizendo “aos bastardos, com carinho”, mas ela é muito carinhosa com a PUC também. Dá uma leveza, é uma carta muito especial, porque ela desconvida os bastardos a tomarem a PUC como um lugar que necessariamente os oprima e que contra o qual é preciso se rebelar. Não é presunçosa, areja esse Outro, ela nomeia lugares, diz que um lugar como a PUC não pode ser subtilizado. Tem um tratamento do Outro que também seria uma condição, para que aquela outra operação, de singularização, seja possível. Ela sai do ódio, da rivalidade e da denúncia ao dizer “você tem que ir atrás da sua realidade, sua história é importante”.

**Participante:** eles tiveram a ideia de fazer um “Manual para os Bastardos”. Parece que foi feito, mas faltou dinheiro para publicar.

## O Porta-voz e crise da representação

**Participante:** tem o lugar da representação, o do líder e fala deles pelo negro, e esse lugar de fala, que cada negro possa falar por si. Várias mulheres negras e homens negros falando, podia ser talvez, se estivéssemos em outra época, bastava ser o líder do movimento negro.

**Romildo:** ela fala para os bastardos, ela própria não é bastarda, nem foi eleita pelos bastardos para falar em nome deles. Um exemplo perfeito da democracia direta, ela não

representa ninguém, ela apenas é uma negra que tomou a palavra, é claro que ela já era mais conhecida, já tinha saído da PUC, já não era mais bastarda, além de ser uma oradora de alta qualidade, mas ela não está num patamar, em cima de um estrado de fala para os bastardos que estão entrando na Universidade agora. A carta mostra a crise da democracia representativa. Ela resolveu tomar a palavra e pronto. Nesse sentido, eu achei um documento político exemplar, essa carta.

**Marcus André:** Vale para as falas, mas também para o lugar do líder. A Natasha estava apontando para isso: não é uma revolução, não tem o líder, não tem o porta-voz, o que complica toda a vida dos sindicalistas.

**Participante:** Ela sai do ódio, da rivalidade e da denúncia. É possível estar nesse lugar que poderia ser só um lugar hostil.

**Rodrigo Lyra:** a nossa tendência hoje é muito mais repetir, que o mundo é insuportável, não dá para viver, é infinitamente hostil.

**Marcus André:** é verdade que a realidade é hostil, dá um otimismo essa carta, ao mesmo tempo ela pode dizer dos bastardos e ao mesmo tempo a PUC pode ouvir o que ela estava dizendo, não sei se a PUC ouviu, agora muita gente não vai ouvir, mas é possível que o Outro do universalismo, está submetendo o bastardo, ele pode sair da história arejado, pelo menos parecer possível, “não sei se será possível”. Se for possível teria que ser assim.

Estamos dizendo também outra coisa: “só vai poder falar quem tiver passado pela experiência. Se ela não tivesse estudado na PUC talvez ela não teria esse lugar para falar. Tem alguma coisa que é local, essencialmente local, nessa democracia direta, para usar a expressão do Romildo.

Isso me leva a um comentário sobre o passe. Dá para fazer uma superposição ousada e dizer que para começar ela é uma passante. Ela pode, a partir da voz do que foi a experiência dela, incluir sua experiência singular no universal. Mas acho que ela faz mais a função de passadora. Ela vai trazer a fala daquele que não está ali para falar, não tem lugar, a não ser indiretamente. Só se alguma coisa passar, aí terá havido transmissão.

**Lúcia:** estava pensando nesse percurso que estamos fazendo, como entra a execução dela.

**Participante:** essa execução, no percurso que estamos fazendo é também a execução dela, do corpo dela e do percurso que ela estava fazendo.

**Romildo:** A Globo falou da Marielle como uma heroína, se ela é heroína, ela passa a ser representativa, então o forte do que ela trazia, fora da democracia tradicional, do líder e do herói, se dilui. A dimensão do ato, como o dessa carta, da morte dela, se dilui. Se torna uma morte como outra qualquer, mesmo se é o de uma figura tida como de exceção, vai ser nome de uma praça, daqui a pouco na cidade do Rio de Janeiro.

**Marcus André:** Há outra maneira dela entrar no universal. Em vez de “ela é nosso líder, ou nossa heroína” dizemos, “somos todos Marielle”.

**Participante:** “Somos todos Charlie Hebdo”.

**Marcus André:** Isso. E a gente vê que *Charlie* não era uma pessoa.

**Romildo:** Exatamente isso. Existe uma tentação de se recompor o universal nos vários lugares. Diremos “Marielle é diferente de mim, porque eu não morri, mas ela é tão negra quanto eu, afinal de contas somos todos brasileiros”. Existe esse achatamento e um achatamento que evita recompor aquilo que não pode ser recomposto, como universal, ou você, tem o universal que vai ser necessariamente fajuto, ou você vai ter singularidades, isso serve para nossa clínica cotidiana.

## Universal fraco

**Romildo:** Tem uma coisa que é preciso repisar sempre que é a diferença entre o particular e o singular, aquilo que vem de Aristóteles e Lacan transforma. Particular é uma especificação a partir de um universal, ele depende do universal para existir. Pode ser um sintoma, ou um problema também. O singular é mais difícil de definir, ele tem uma precariedade que é própria dele. No fundo a gente não sabe como dizer, se eu digo “o singular é!” ele se transforma em universal.

**Participante:** (...) o que estava em jogo era o singular, mas o que aparece é o particular. De vez em quando mulheres negras se organizam em torno das mulheres essa posição é identitária.

**Marcus André:** Exatamente. O paradoxo é que era mais fácil sustentar o singular em tempos de universal forte. Quando todos partilhavam dos mesmos valores de bases, por exemplo, os do humanismo, você podia dar lugar à singularidade como alguma coisa por debaixo dos panos, sob o tapete. Havia o “embaixo” do tapete do universal, ou o porão da casa. A singularidade morava no negativo, no furo, no enigma, na dúvida. Estamos em tempos de universal fraco, muda-se de casa o tempo todo, os tapetes e panos são descartáveis. Mais difícil localizar o singular como escondido ou sagrado. E sabemos o quanto a formação lacaniana, o lacanismo é sustentado por esse discurso do singular como ponto de furo, de vazio, o do real como uma “mistagogia do não saber”, como Lacan chama, é o do real em uma “ontologia branca”, uma ontologia negativa.

Isso é concreto, não é teórica filosófica. É difícil para a clínica. A pessoa chega e diz “eu não sei quem sou”, aí o analista fala: “vamos ver”, faz “*hum, hum*” e aposta que aquele silêncio estará prenhe de significações a da promessa de uma fala singular que virá. Hoje se você não disser nada, ela vai embora. O silêncio não diz mais nada. O que não aparece, desaparece. Tem uma espécie de saber prático que tem que aparecer. Não é que a gente vai dar, mas também não podemos nos contentar em apostar na falta.

**Participante:** fiquei incomodada com essa história da Marielle, eu entendi depois que falamos do universal. Senti que o grito “Marielle vive”, “Marielle presente”, eu senti muito mais nessa direção, do que do “somos todos Charlie Hebdo”.

**Participante:** na medida que Marielle vive, as pessoas podem falar de uma outra maneira.

**Marcus André:** Nesse sentido do que Romildo falava, de todo mundo estar tentando manter vivo, uma coisa. Quando a gente diz “todos Marielle”, ou “Marielle: presente!” é para sustentar a singularidade dela, mas podemos ver como isso é também um perigo, pois pode apagar singular da fala dela, mas também a de cada um.

**Romildo:** “você vive” quer dizer que se pode formar palavras sim, que seja em cima dos corpos dos mártires, mesmo que mártir, em grego quer dizer testemunho, mesmo que os mártires deixem os testemunhos deles, eles deixam lições. Não é a aquisição do “martismo”, que leva à singularidade.

**Rodrigo Lyra:** pelo que você disse há pouco, é difícil, mas vai ser mais fácil isso que não cabe no grupo, for mais materializado, mais presente, do que for apenas a mobilização do vazio. “você pode fazer parte desse grupo, mas lembre-se de que tem alguma coisa em você que não cabe nesse grupo”, o que seria mobiliza-se pelo vazio. Ai talvez fique mais difícil e possa parecer simplesmente “uma puxada de tapete”. Mas talvez se isso não estiver mais nomeado e que alguém possa se apresentar e se incluir talvez seja um caminho mais próprio do caminho atual.

**Marcus André:** Falamos de alguém que pode se tornar “de” um grupo, e a partir daí, pode ser irônico. Mas existem situações em que não há lugar nenhum de onde se pudesse entrar ou fazer parte. Aí é preciso favorecer a identidade, o pertencimento, ou seja, valorizar o traço comum a outros, a particularidade.

Então não é só singular, particular e universal, é singular, particular, universal e mulçumano. Singular, particular, universal e ninguém, o que é esse ninguém, ele é exatamente singular? O singular vem através de um atravessamento, de uma passagem, de uma viagem, tem viagens que as vezes não pode começar porque a pessoa não tem de onde partir.

**Clarisse Boechat:** Fiquei na situação de rua, por exemplo, já trabalhei com populações de rua. A forma como a demanda chegava quando tinha o preparo da instituição, era a forma desse Outro inflado, abrigo, comida, olha a situação que a gente está! No outro dispositivo, quando não tem o preparo institucional, e falamos que “queremos ouvir a história”, vem coisas muito diferentes, do que a situação em que estou como profissional da saúde.

**Participante:** talvez seja a possibilidade de fazer um laço. Estabelecer um grupo.

Precisamos concluir. Como escrevi, é preciso seguir. Diante da brutalidade dos que só podem realizar a supremacia com que sonham pela violência, diante do sentimento de que o humanismo acabou, de que o universal escorado em valores simples, como os da solidariedade para com os próximos e os distantes, diante da presença entre nós dos matáveis e do genocídio, temos que seguir.

Seguiremos o caminho desse seminário que começa agora e vai buscar o que seria nossa clínica nesses tempos de fim do mundo. Veremos.

---

<sup>a</sup> Cf. <https://www.ebp.org.br/canalebp-categoria/acao-lacaniana/> Cf. ainda Vieira, M. A. “Turba e turbantes”, que extrai boa parte dos ensinamentos desses dois momentos, a ação lacianiana e o seminário: <http://www.lacan21.com/sitio/2018/10/22/turba-e-turbantes/?lang=pt-br>